



# PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO XV — N.º 151 — S. PAULO, JULHO-AGOSTO DE 1970 — REDAÇÃO: RUA LIBERO BADARÓ, 488 — 5.º ANDAR — SALA 50 — C. POSTAL, 6248

## ALVARO LINS, NOSSO COMPANHEIRO

Reconheço que o homem que se bate hoje contra nós todos tem 400 anos de gentilhomen e outros tantos de paladino, e é tão atrevido que só matando-o o abateremos da postura em que ele se colocou.

Assis Chateaubriand

Com Alvaro Lins não morreu apenas um grande brasileiro. Desapareceu também um homem que amava e compreendia Portugal como poucos portugueses. Passarão os anos, mudarão os governantes e a lembrança de Alvaro Lins permanecerá sempre viva no coração do povo de Portugal como a de alguém que num sombrio momento histórico soube encarnar contra o fascismo de Salazar a dignidade do Brasil e a dignidade de Portugal.

Há certos acasos que adquirem na vida dos povos uma importância excepcional. Para nós, portugueses, um deles foi, na década de 50, a presença de Alvaro Lins em Lisboa, quando o general Humberto Delgado pediu asilo político à embaixada do Brasil. Aquilo que Salazar imaginava ser um episódio irrelevante cujo desfecho seria uma nova humilhação infligida aos seus adversários, acabou convertendo-se numa batalha política em que o fascismo saiu derrotado.

Encarnando valores que o transcendiam, Alvaro Lins foi, desde o início desse combate, um homem isolado. Soube, porém, sustentá-lo contra a ditadura portuguesa com a coragem de um tribuno empenhado na defesa de uma causa sagrada.

"Vejo-me — escreveu em Missão em Portugal — como em estado de guerra, com a Embaixada cercada pela PIDE, com os telefones sob censura, com a vigilância da polícia política sobre os meus passos por toda a parte. Mas isso não importa ou importa pouco. Disponho-me a aceitar o destino de ser hoje em Lisboa um embaixador que esteja defendendo a soberania do Brasil contra a ditadura salazarista. E só uma coisa me faz temer: é que eu não esteja à altura de um destino tão apaixonante em sua grandeza."

Os fatos provaram que Alvaro Lins nunca deixou de estar à altura do desafio. O presidente Kubitschek estava fatigado da luta e tão deseioso de uma solução que sintetizou o que pensava num desabafo: "De qualquer maneira, o mais depressa possível, porque eu soube que Salazar anda muito aborrecido com o Brasil"... Abandonado, Alvaro Lins não cedeu. Passou a ser o interlocutor único da máquina do fascismo português, o obstáculo que impediu a entrega do general Humberto Delgado. Nessas semanas dramáticas do ano 59, ele foi o Brasil em Lisboa e, como escreveu Jorge Amado, acima de tudo a consciência do seu povo, solidário com o povo português com os seus intelectuais, a sua cultura, a sua sede de liberdade. Pôs tudo de lado, desde a sua carreira de homem público à sua vocação de grande escritor para se entregar à causa que assumira.

Sua identificação com a nossa luta contra o fascismo não cessou com o fim da missão diplomática que desempenhou em Lisboa. Alvaro Lins não depôs as armas. Manteve o desafio com a ativa devolução da Grã-Cruz de Cristo e rompeu com Kubitschek, quando o ex-presidente decidiu visitar Portugal, aceitando um convite do governo Salazar,

"Senhor presidente — escreveu então numa carta inesquecível — as nossas escolhas estão feitas: os seus compromissos são com a ditadura salazarista; os meus com a Nação portuguesa imperecível."

A publicação de "Missão em Portugal" representou outro grande serviço prestado ao povo português. Nesse livro que tem a força de um libelo irresponsível, Alvaro Lins não se limitou a fazer a história do "affaire" Delgado. Esboçou também o quadro em que decorreu o episódio. No livro está tudo: o servilismo de Marcelo Matias quando interrompia uma entrevista com o Embaixador do Brasil para pedir ordens a Salazar pelo telefone; as manobras de mediação do embaixador dos Estados Unidos, altivamente reveladas; a recusa de Alvaro Lins em convidar para as recepções da Embaixada o diretor da PIDE e o secretário da Informação; a indiferença do Cardeal Cerejeira diante dos torturadores da polícia política; a estupidez do titular das Necessidades, oferecendo a Alvaro Lins tudo o que ele quisesse a troca do general Delgado; e ainda uma lúcida antevisão da tragédia que o colonialismo fascista preparava em África.

Durante anos, no Brasil ou no Exterior, não houve, por assim dizer, uma iniciativa ligada ao combate ou à denúncia do fascismo português da qual Alvaro Lins não participasse direta ou indiretamente. Em 1968, quando a subida de Caetano ao poder lançava a confusão — mesmo em Portugal — em muitos espíritos propensos a um diálogo com sabor de capitulação, a primeira voz brasileira que se fez ouvir, desmascarando o salazarismo sem Salazar foi, uma vez mais, a sua.

Tão total era a sua identificação com o combate anti-fascista que envolveu nele a própria família. Há dois anos, não podendo, por doença, comparecer à inauguração do Centro Republicano Português, no Rio de Janeiro, fez-se representar por sua esposa, a embaixatriz Heloisa Lins, que pronunciou, em ato realizado no Automovel Clube, um comovido discurso de solidariedade a Portugal.

Profundamente brasileiro, sentia-se Alvaro Lins também profundamente português. Tão forte, tão intenso era esse sentimento de lusitanidade que nos dizia sempre — mantinha com os redatores de Portugal Democrático relações fraternas — que, tendo vivido quase sempre no Brasil, desejava morrer em Portugal.

Não viveu Alvaro Lins o suficiente para assistir ao fim do fascismo e participar da euforia da libertação com que sonhava. O povo de Portugal não poderá testemunhar-lhe nas ruas e nas praças a gratidão e a admiração que lhe dedicava. De qualquer modo, o seu nome faz parte da nossa história e dela não será mais apagado. Alvaro Lins é também nosso. Encarnou como nenhum dos seus contemporâneos, aqui ou na Europa, o autêntico espírito da futura comunidade luso-brasileira. É a falta do companheiro querido e heróico que, acima de tudo, sentimos.

PORTUGAL DEMOCRATICO



PASSARÃO OS ANOS, MUDARÃO OS GOVERNANTES E A LEMBRANÇA DE ALVARO LINS PERMANECERÁ SEMPRE VIVA NO CORAÇÃO DO POVO DE PORTUGAL COMO A DE ALGUÉM QUE NUM SOMBRIO MOMENTO HISTÓRICO SOUBE ENCARNAR CONTRA O FASCISMO DE SALAZAR A DIGNIDADE DO BRASIL E A DIGNIDADE DE PORTUGAL



## Notas e comentários

### Exijamos Paz na Guiné

De todas as guerras coloniais em que se acha envolvido o fascismo português, a da Guiné é a mais temida pelos jovens enviados para África como carne de canhão. Por maiores que sejam os rigores da censura, não há recruta que não saiba que a guerra da Guiné está militarmente perdida e que o PAIGC libertou já mais de dois terços do território.

Em seu livro, hoje clássico, Basil Davidson revelou toda a verdade sobre a epopeia da pequena e heróica nação cuja luta nacional libertadora empolga a África inteira.

Para os colonialistas portugueses tudo corre bem na Guiné. Mas apenas oficialmente. Na realidade, eles sabem que a situação militar é desesperadora e que as bravatas do peralvilho Spínola não têm o poder de alterar a situação objectiva existente. As vitórias só existem nos comunicados do estado-maior de Bissau.

A visita de Caetano, há um ano, foi uma palhaçada. O sucessor de Salazar não pôde sair da ilha de Bissau e nas poucas horas que ali passou andou envolvido num impressionante dispositivo de segurança. Incapaz de bater as forças do PAIGC no campo de batalha, o governo de Lisboa recorreu à intriga diplomática e tentou criar dificuldades a Amílcar Cabral no Senegal. Mas nem assim conseguiu atenuar a sucessão de derrotas. O clima de derrotismo, no início do ano, era de tal ordem, que foi organizada à pressa uma visita do ministro Silva e Cunha, que resultou, porém, em nova ficção, apesar da cobertura policial-militar. Não houve praticamente visita alguma, limitando-se a tourné a discursos pronunciados em algumas cidades e muitos quartéis.

A última inovação do fascismo foi a campanha de propaganda montada em torno dos "feitos imortais" de meia dúzia de traidores guineenses integrados no Exército Português. De um dia para outro esses colaboracionistas foram promovidos a oficiais e receberam as mais altas condecorações militares. Mas ninguém se iludiu também. Não basta dar a Torre e Espada a um guineense e promovê-lo a capitão para que as populações da Guiné o respeitem e admirem. Aos olhos dos mandíngas, dos manjacos, dos fulas, dos bijagós, homens como Bancar Jaló e Abdulai Jamanca não são heróis, mas sim traidores. Os autênticos heróis para o povo da Guiné são os que se batem e morrem pela independência nacional sob as bandeiras do PAIGC.

Aliás, o esforço do fascismo para transformar as derrotas em inexistentes vitórias e comemorar estas com um inflação de condecorações acaba de ser ridicularizado com a publicação de um comunicado oficial em que o alto comando das Forças Armadas anunciou a morte em combate de três majores de uma só vez. A guerra, agora, não atinge apenas os soldados. A situação tornou-se tão desastrosa que os oficiais superiores também mor-

rem. O pânico nos quartéis e nas messes de oficiais não pode já ser contido. Com Spínola, com Jalós ou sem Jalós, a criminosa guerra da Guiné está perdida. O País, entretanto, não é informado do que se passa. Não lhe dizem como, porquê e onde morreram esses majores e os soldados que os acompanhavam.

Só há uma saída para essa guerra contrária aos interesses do povo português: a paz. É preciso que todos — estudantes, soldados, intelectuais, mulheres, operários, o povo numa palavra — exijam o termo imediato da guerra na Guiné e negociações com o PAIGC tendentes ao reconhecimento da independência da heróica nação.

### A Revolta Nos Quartéis

Nas unidades militares metropolitanas a oposição à política africana de Caetano é também cada vez maior, reflectindo de um lado a revolta da juventude contra nove anos de guerras coloniais e de outro o intenso trabalho de esclarecimento das forças democráticas. Os soldados e os oficiais subalternos sabem que as perdas em vidas humanas, na Guiné, como em Angola e Moçambique, são cada vez maiores. Em África morre-se. E não desconhecem que o Exército português está envolvido numa guerra anti-nacional, condenada pela consciência universal, uma guerra monstruosa em que a juventude de Portugal foi distribuído o papel de defender os interesses dos grandes monopólios internacionais e a sobrevivência do fascismo.

Não é de estranhar assim que cada nova lista de mortos publicada nos jornais provoque reacções em cadeia, dia a dia mais difíceis de controlar. A censura impede os jornais de divulgar o que se passa nos quartéis, mas as notícias, mesmo assim, correm o país de boca em boca. Um dos episódios mais comentados verificou-se em Évora, no início do ano, quando um pelotão inteiro, sob o comando do alferes Galho desertou em vésperas de embarcar para as colónias, fato que atrasou de um mês a partida do batalhão a que pertenciam esses homens. Em Vendas Novas e Mafra reina uma tensão permanente desde que se registraram ali levantamentos de rancho. Em Vendas Novas, apesar das ameaças de enviar os elementos mais recalcitrantes para o batalhão disciplinar de Penamacor, o comandante não conseguiu impedir que a propaganda contra a guerra colonial circule de mão em mão. Nos mais variados locais do quartel — desde as salas de aula dos oficiais milicianos às instalações dos sargentos — têm aparecido inscrições com palavras de ordem, como "Organizai deserções colectivas". Em Mafra, os oficiais instrutores recorrem à "cera", como protesto pelo atraso de um subsídio. Marchas que deveriam prolongar-se até às 5 de manhã acabavam às 11 da noite e o futebol substituiu as aulas. Alguns oficiais explicavam aos soldados as razões desse comportamento e pe-

diam a sua solidariedade. Em determinada unidade, durante um almoço de despedida oferecido a um companheiro mobilizado para a Guiné, um cabo miliciano fêz o seu brinde com estas palavras de desafio: "Esperemos que antes de o nosso companheiro chegar à Guiné ela se torne independente." Uma grande ovação saudou esse voto, mas o comandante não ousou punir ninguém.

O governo mostra-se especialmente preocupado com a malogro total dos cursos sobre guerra psicológica e subversão. Muitas das aulas estão sendo transformadas em acalorados debates sobre a guerra, com críticas veementes ao colonialismo e opiniões favoráveis à independência dos povos coloniais.

O ponto fraco de quase todas essas manifestações é o seu carácter espontâneo. Não existe ainda em escala nacional uma sólida organização de resistência à guerra, com ramificações em todas as unidades militares. As acções ultimamente registradas provam no entanto, que a oposição de oficiais, sargentos e soldados à guerra cresce dia a dia e que a receptividade às teses anti-colonialistas das forças democráticas é cada vez maior. Uma centelha pode provocar movimentos reprimidos.

### Vorster Em Lisboa

Balthazar Johannes Vorster, primeiro ministro da África do Sul visitou Lisboa em Junho durante a sua tournée das capitais europeias. Em nenhum outro país, como era de esperar, teve acolhida mais calorosa da parte das autoridades oficiais. Em Paris toda a imprensa dispensou ao campeão do "apartheid" o tratamento que ele merecia e o próprio governo francês mostrou-se muito discreto nos contactos mantidos com o visitante. Em Lisboa, contudo o sr. Marcelo Caetano, muito embora a viagem de Vorster não fosse oficial fez questão de o receber de braços abertos, como dilecto amigo e aliado. Do "Diário da Manhã" ao "Diário de Notícias" todos os jornais controlados pelo governo enalteciam a personalidade de "grande estadista" do premier sul-africano e exaltaram aquilo a chamam as relações de "amizade" entre os dois povos.

Vorster tinha objectivos muito concretos relacionados com a construção de Cabora Bassa (v. artigo de Jeune Afrique nesta página), e por isso falou pouco. Limitando-se a dizer que a sua visita a Lisboa tinha carácter particular e a realizara "com o principal objectivo de conhecer pessoalmente o primeiro-ministro português, prof. Marcelo Caetano e os vários ministros, na medida em que Portugal tem sido, desde há gerações um nosso muito honroso vizinho". Depois de salientar que "é muito natural os vizinhos reunirem-se de tempos a tempos para conversar" esclareceu o que entende por boa vizinhança, afirmando: "esta colaboração entre vizinhos da África Austral estende-se ao Malawi e poderia alargar-se a Zâmbia, se esta esquecesse as acusações que tem feito à República da África do Sul".

Parece ficar assim bem claro que, além de tratarem de negócios, Vorster e Caetano, assistidos por Hilgard Muller e

Rui Patrício, seus ministros dos Negócios Estrangeiros, discutiram longamente os problemas da guerra colonial e a maneira mais adequada de persuadir Zâmbia a submeter-se à vontade dos governos fascistas de Lisboa e Pretória. Para os dois comparsas a satelização de Zâmbia em moldes semelhantes à do Malawi seria realmente uma extraordinária vitória. Mas é tempo perdido. A ideia de ver o dr. Kaunda substituído por um Banda zambiano é um sonho que esbarra no patriotismo do povo de Zâmbia, unido em torno do seu presidente e firmemente decidido a sustentar as lutas de libertação nacional travadas em Angola, na Rodésia (Zimbábue) e em Moçambique. Caetano, pelo seu lado, nada revelou sobre o teor das conversações que manteve com o seu hóspede. Mas não é arriscado prever que se entenderam em tudo às mil maravilhas. Marcelo Caetano não pode deixar de se identificar profundamente com um homem cuja ideologia se define nesta profissão de fé: "Nosso cristianismo nacional é igual ao nacional socialismo de Hitler e ao fascismo de Mussolini." É certo que a desabafo tem muitos anos. Mas Balthazar Johannes Vorster não mudou. Tal como Caetano. Continuam ambos fieis aos guias espirituais da juventude.

### Henrique Galvão

A morte do capitão Henrique Galvão, no dia 25 de junho, não foi um acontecimento inesperado. Há quase quatro anos que se encontrava internado num hospital de São Paulo onde levava uma existência puramente vegetativa, pois os estragos da doença eram tais que nem já reconhecia os amigos que o visitavam. Um fim melancólico para um homem que amou apaixonadamente a acção ao longo de toda a vida.

Henrique Galvão era uma personalidade complexa no qual as virtudes e os defeitos se entrelaçavam de tal modo que se tornava difícil estabelecer entre eles linhas divisórias. Inicialmente adepto do Movimento do 28 de Maio, que implantou a ditadura fascista em Portugal, ganhou-se rapidamente a uma posição de des-

taque na administração colonial onde teve ensejo de afirmar as suas reais qualidades de homem de acção. Mas seu contacto com a realidade africana não tarodu também a abrir-lhe os olhos para os crimes monstruosos do regime que servia. Homem de coragem, denunciou muitos deles num celebre aviso prévio à Assembleia Nacional quando nela ingressou como deputado pela União Nacional. Essa atitude foi o marco inicial de uma ruptura completa com o regime, o qual o transformou durante anos num dos mais combativos adversários de Salazar.

Individualista até o exagero, desenvolveu tenazmente os planos que concebeu, desde o lançamento da candidatura à Presidência do almirante Quintão Meirelles até à tomada do "Santa Maria". A sua evasão do hospital português onde cumpria pena de prisão e o seu asilo na embaixada da Argentina, pelas circunstâncias que os rodearam, transformaram-no, em 1959, numa das figuras mais populares da oposição. E essa popularidade aumentou extraordinariamente em 1961, ganhando proporções mundiais, quando inaugurou a série dos sequestros internacionais, ao tomar de assalto, com 23 companheiros, o transatlântico "Santa Maria". O episódio, embora malograsse nos seus objetivos fundamentais, demasia do ambiciosos, representou um rude golpe no fascismo português, na medida em que pelo seu carácter sensacional chamou a atenção de toda a opinião publica internacional para a trágica situação de um país que vivia sob uma ditadura fascista há 35 anos.

Infelizmente, a posição do capitão Henrique Galvão em face dos problemas africanos desfavorável ao reconhecimento do direito imediato à autodeterminação dos povos das colónias, acabou por afastá-lo do general Humberto Delgado e das forças democráticas portuguesas que no exterior e no interior nunca deixaram de se bater pela unidade, na luta contra o inimigo comum.

Na hora em que desaparece esquecemos os aspectos negativos da sua personalidade para conservar apenas a lembrança do combatente corajoso que renunciou a tudo para desafiar Salazar.

### A "TOURNÉE" DE UM FASCISTA

"A estada em Lisboa de Vorster traduz preocupações análogas às que motivaram a sua passagem por Salisbury. Trata-se das capitais dos dois países amigos que constituem, com os territórios portugueses de Moçambique e Angola, as posições avançadas do "bastião branco" da África Austral.

(...) A tourné europeia do primeiro-ministro sul-africano não é apenas uma iniciativa de prestígio. Tanto em Lisboa como em Paris terá oportunidade de discutir negócios muito sérios. Em Lisboa ocupar-se-á sobretudo de medidas ligadas à colaboração militar para a luta contra os movimentos de libertação. No Malawi corre já o boato de que o aeroporto da nova capital, Lilongwe, atualmente em construção graças a um empréstimo sul-africano, servirá também de base à Força Aérea sul-africana. Foram aliás esses rumores que provocaram a reacção de Uganda e da Nigéria cujos governos se preparam para pedir a exclusão do regime do

presidente Banda da Organização de Unidade Africana.

Outro problema que interessa muito aos dois países é a barragem de Cabora Bassa que deverá ser construída no Zambeze, em Moçambique. Antes de ser assinado, em 1969, em Dar-Es-Salaam, o presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, havia já declarado que seus homens sabotariam a obra. A África do Sul será o principal cliente da energia produzida e o principal membro da ZAMCO — nome do consórcio que ganhou a concorrência — é a Anglo American Corporation, o truste do magnate sul-americano do ouro e dos diamantes, Harry Oppenheimer. Em Paris, Vorster falará também de Cabora Bassa. São sobretudo sociedades francesas (Banco de Paris e dos Países Baixos, Compagnie Générale d'Électricité, Société Générale d'Entreprises, etc.) e alemãs (Siemens, Telefunken, Hochtief, Voigt) que, juntamente com a Anglo Ameri-



# LIBERDADE

Francisco Vidal

Em recente artigo publicado num dos matutinos do Rio de Janeiro (Jornal do Brasil de 22.5.70), parece que extraído do New York Times, pelo menos se julgarmos pelo que o próprio JB enuncia, um desconhecido articulista escreve interessante prosa intitulada "Portugal evoluiu para democracia" (sic) a que não podemos deixar de nos referir, embora em breves linhas pois mais não cabem no reduzido espaço de que dispomos.

Segundo o autor Portugal está evoluindo realmente para a democracia, pelo menos no que se refere à liberdade de... usar isqueiros sem precisar de prévia licença da Repartição de Finanças... De acordo com o autor do artigo o nosso País, ou os seus "governantes", o que vem a dar no mesmo, limitou-se, no que se refere à liberdade, a problemas secundários, entre os quais ele cita com grande ênfase o fato de o novo "dono de Portugal" ter abolido a obrigatoriedade de licença para os cidadãos que — talvez por uma questão de inconformismo, o que nas ditaduras é o mesmo que subversão ou quase — abominavam os fósforos, atitude aliás lamentável numa terra em que tudo o que não é proibido é obrigatório...

De acordo ainda com o mesmo articulista, no que diz respeito aos restantes problemas da Nação, que não sei se são por ele considerados de maior importância que o uso indiscriminado e atentatório aos bons costumes do isqueiro, apenas há palavras, palavras do novo Fuehrer, como lhe chamávamos em recente artigo publicado nestas páginas, palavras vazias e ócas que, se poderiam significar muito quando cumpridas nada representam por apenas demonstrarem uma má fé notável e um desejo incoerente de repressão a todo o custo de tudo o que significa progresso.

A respeito deste artigo o mesmo Jornal do Brasil (edição de

28.5.70) insere, na seção "Cartas dos leitores" uma curta missiva de um sr. Fausto de Albuquerque, que se identifica como "Adjunto do Conselheiro de Imprensa da Embaixada de Portugal", insurgindo-se contra o que considera uma atitude quase que agressiva à "tradicional amizade luso-brasileira", desmentindo o autor do artigo que afirmou continuamente em Portugal as prisões arbitrárias, o que, segundo ele, sr. Albuquerque, não é verdade, o que todos nós sabemos está claro de ver... Desconhecemos quem é este sr. Albuquerque, agora aparecendo nos redondeis situacionistas da ditadura lusitana, mas também, devemos confessá-lo, em nada nos interessa sabê-lo. Lembramo-nos porém de um homônimo seu, que infelizmente foi nosso colega de escola — e quantos anos passaram sobre isto... — e que era e não sei se continuará a ser o que, eufemisticamente de resto, é chamado no Brasil de um "delicado".

Sobre este quidam, que, repetimos, demos de barato que se trata apenas de um homônimo, embora um homônimo levado dos diabos, conta-se aliás pitoresca história passada em dias de chuva intensa, quando ele, que até então nunca tinha visitado uma igreja, foi obrigado a recolher-se a um templo, quase vazio mas onde o padre oficiava qualquer cerimônia, que não podemos identificar dada a nossa ignorância em coisas da religião, vestido como convinha, ou seja com uma indumentária do tipo esocês mas não em mini nem midi-saia, antes em maxi-saia, e com o que julgamos se chama de turbulo nas mãos. O nosso herói, espantado com o que acontecia, e tendo confundido o sacerdote com qualquer apaniguado seu, a ele se dirigiu com as seguintes palavras: "querido, a sua sainha está uma maravilha, é linda de morrer, mas a sua bolsinha está pegando fogo"...

# A JORNADA DE LUTA DO PRIMEIRO DE MAIO

Lisboa (Do Correspondente) — Apesar de todas as precauções tomadas pelo governo, da violência da repressão e das ameaças feitas aos trabalhadores pela maioria das empresas, o 1.º de Maio foi, uma vez mais, em quase todo o País uma grande jornada de luta.

Foi no Barreiro que as manifestações alcançaram maiores proporções. Mais de 6.000 trabalhadores, da vila heróica e da Moita, celebraram a passagem da data com concentrações e desfile, travando autênticas batalhas de rua contra a PIDE e a GNR. Três colunas de operários partiram do Cemitério do Lavradio, da estação e do Largo do Casal convergindo para o centro. No Largo do Casal onde se juntaram mais de 600 pessoas registaram-se os primeiros choques quando o povo começou gritando "abaixo a guerra colonial" e "fora a Pide". No Lavradio, mais de 2.000 operários foram barrados pela cavalaria da GNR e por formações especiais, também da GNR, que se deslocavam em jeps com metralhadoras apontadas para o povo. Impedidos de passar, os manifestantes decidiram seguir outro itinerário, mas ao chegarem ao Largo da Baixa da Banheira foram interceptados pelas forças repressivas. Ante a determinação dos trabalhadores, os cordões da PIDE e da GNR foram rompidos e durante alguns minutos travou-se uma batalha com feridos para ambas as partes, pois a coragem dos operários da Margem Sul compensava o facto de não disporem de armas. Finalmente, os trabalhadores saídos do Largo do Casal reuniram-se às outras colunas e o desfile, então com mais de 6.000 manifestantes desembocou no centro onde ocorreu o choque mais violento do dia.

A GNR fez fogo para o ar, mas os manifestantes não se atemorizaram. Calmamente sentaram-se no asfalto das ruas provocando um congestionamento total do trânsito. Entretanto, aproveitando as pedras de um camião, muitos operários principiaram a apedrejar as forças repressivas, iniciando-se uma batalha em que a polícia e os guardas republicanos não levaram a melhor.

A reacção do governo aos acontecimentos do dia 1 foi tipicamente policiaesca. Na madrugada do dia 3, a PIDE assaltou as residências de vários democratas, na Margem Sul, e realizou numerosas prisões. A indignação popular foi tamanha que no dia seguinte houve várias concentrações de protesto. As 20 horas, 1000 manifestantes reuniram-se em frente da casa do deputado da União Nacional, Olímpio Pereira, exigiram a sua presença e a imediata libertação dos presos. Daí,

os trabalhadores seguiram para a Câmara Municipal onde afluíam a todo o momento populares vindos de outras povoações da Margem Sul. Exigindo a liberdade dos democratas presos e clamando contra o fascismo e a guerra colonial os manifestantes, mais de 7.000, chocaram-se novamente com a Guarda Republicana. Das janelas, o povo, solidário, jogava objetos sobre os esbirros policiais.

No dia 4 de Maio, um impressionante "dispositivo de segurança" ocupou o Barreiro. Mas nem assim o espírito de luta da massa enfraqueceu. No dia 5, 2.000 ferroviários das oficinas da CP pararam o trabalho durante meia hora, como protesto contra a repressão e solidariedade aos presos.

No dia 3 registrou-se um episódio que tem sido muito comentado. Um agente da PIDE, reconhecido no meio de uma coluna de manifestantes, puxou do cartão e declarou com arrogância: "Sim, sou da PIDE, há algum azar? O resultado da bravata foi uma sova monumental. Acabou fugindo como um gato, cheio de arranhões e quase nu..."

## NO RESTO DO PAÍS

Em LISBOA as forças policiais ocuparam a Baixa e fecharam o trânsito para impedir a manifestação. Mas os trabalhadores, que esperavam a manobra, reuniram-se em Campo de Ourique onde mais de 2.000 pessoas enfrentaram a Polícia, a Pide e a GNR. Em Cabo Ruivo, centenas de funcionários da Carris realizaram uma concentração de protesto pelo facto do 1.º de Maio não ser feriado. No Arco do Cego houve também uma manifestação de que participaram 500 pessoas.

Em SACAEM, houve um desfile de trabalhadores pelas ruas da vila. Os manifestantes entoavam o hino nacional dando vivas à liberdade e morras ao fascismo. Em MOSCAVIDE, mais de um milhar de trabalhadores chocaram-se com as forças repressivas conquistando a solidariedade de toda a população que gritava "a rua é do povo" e "liberdade". Em VILA FRANÇA DE XIRA 800 manifestantes percorreram as ruas gritando slogans patrióticos. A polícia prendeu 20 pessoas, mas ante a determinação da massa popular acabou por soltá-las.

## O COMÍCIO DE 22 DE OUTUBRO

Os Cadernos de Cultura Democrática reuniram num belo volume os discursos pronunciados no vibrante comício realizado no Porto a 22 de Outubro do ano passado. A obra inclui as intervenções de Alberto Teixeira de Sousa, Armando Bacelar, Armando Cotta, Armando Castro, Joaquim Felgueiras, João Maia, Oscar Lopes, Papiniano Carlos e Virginia Moura. Numa bela foto da mesa que presidiu ao comício pode ler-se ao alto a frase "Todo o Poder ao Povo, ladeada por faixas com os seguintes dizeres: "Não à guerra, à fome, à tirania"; "Não à censura, à ignorância, à injustiça"; "Sim paz, ao pão, à liberdade"; "Sim à verdade, à instrução à amnistia". Em baixo, a todo o comprimento uma imensa faixa: "Amnistia e regresso dos exilados políticos". Depois da apresentação da obra, os editores reproduzem a saudação com que Virginia Moura abriu a sessão e que principia com estas palavras: "Deste mesmo lugar e nesta mesma sala, quando da sua candidatura, dirigiu-se ao povo desta cidade um homem que lutou pela liberdade e independência deste país até ao último momento de vida: Humberto Delgado". A capa do volume é de Francisco Abreu Pesseiro e o arranjo gráfico de Lobão Vital.

## PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL  
Otávio Martins de Moura

### REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva R. do Hospício, 148. 1.º. Apto. 108

CURITIBA: Antonio Serpa — Rua Dr. Murici, 712

LONDRINA: Julio Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin - 10 Fentiman Road, London, S.W. 8

BELGICA: Mercedes Guerreiro — Av. Schaerbeek, 668 — 1.800 — Vilvorde — Bruxelles — Belgique

HOLANDA: ANGOLA COMITE — klarenburg 253 — Amsterdam — 18.

CANADÁ: Portuguese Canadian Democratic Association 357 ½ College St Box 153 Station B — Toronto 2 B — Ontário

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay, Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Rebelo - Postovní Urad/Jindřiská UL. C. 14 Schránka 646 — Praha 1 — Tchechoslovaquie

FRANÇA: Grupo de Amigos de "Portugal Democrático - 2, Place François Villon - Escalier E — La Courvenneuve — Seine — França

### REDAÇÃO:

Rua Líbero Badaró n.º 488 — 5.º and. sala 50 — Tel.: 37-0933 Caixa Postal, 6248

Composto na Letras Editora Ltda. Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

### EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas Sábados: das 15 às 19 horas Número avulso ..... NCr\$ 0,30 Assinatura anual ... NCr\$ 5,00

Ano XIV — N. 150 — Junho de 1970

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

## LIVROS

### "La Révolution en Afrique"

Os patriotas angolanos, guineenses e moçambicanos engajados na luta de libertação nacional dos respectivos países além de se baterem nos campos de batalha, têm prestado nos últimos anos uma significativa contribuição à literatura política que visa a analisar cientificamente a problemática da Revolução Africana. Para citarmos apenas alguns nomes, temos os casos de Amílcar Cabral Mário de Andrade, Eduardo Mondlane e Américo Boavida cujas obras publicadas em vários países mereceram elogiosas referências da imprensa internacional, sendo alvo de violentas críticas de personalidades fascistas portuguesas, o que só por si demonstra a sua importância e oportunidade.

A esses autores importa agora acrescentar João Mendes, que acaba de publicar na França uma obra em que, numa perspectiva global, se ocupa lucidamente dos problemas da revolução africana. Intitulado "La Revolution en Afrique", o livro é prefaciado pelo eminente sociólogo francês prof.

Jean Suret Canale e dedicado "a todos aqueles que desde há muitos séculos até os nossos dias e tão heróicamente caíram na luta pela independência e a dignidade dos povos africanos."



## agência TRIÂNGULO de seguros s.a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO

SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO



# Paulo VI Recebe e Abençoa Líderes do PAIGC, MPLA e FRELIMO

ROMA (Do Correspondente) — Alcançou extraordinária repercussão internacional o gesto do Papa Paulo VI, recebendo em audiência, no dia 1 de Julho, três destacados dirigentes dos movimentos nacionais libertadores que lutam contra o fascismo português: Agostinho Neto, presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola; Amílcar Cabral, secretário geral do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde; e Marcelino dos Santos, co-presidente da Frente de Libertação de Moçambique.

O encontro durou oito minutos e provocou, como era de esperar, uma imediata reacção do governo fascista de Lisboa cuja primeira atitude foi chamar o seu embaixador no Vaticano, Eduardo Brazão, ex-secretário Nacional da Informação. A arrogância de Caetano só contribuiu, aliás para que a audiência se tornasse o assunto principal das manchetes da imprensa. Apesar da discrição que o Vaticano, naturalmente, observou em relação aos fatos os observadores romanos consideram que foi o Papa pessoalmente, quem tomou a iniciativa de conceder a histórica entrevista. Segundo o assessor de imprensa do Vaticano, mons. Fausto Vallanc, os "visitantes não representavam apenas suas pessoas, mas todos os homens que confiam neles".

É significativo que um jornal direitista como *Il Tempo*, indignado com o gesto de Sua Santidade tenha salientado que "o Papa conhecia não só o nome e sobrenome de cada visitante como também sua situação política e suas atividades revolucionárias". Nesse sentido "*Il Tempo*, como outros órgãos da imprensa conservadora, prestou um mau serviço a Caetano, pois desmentiu as explicações finais de Lisboa que, à falta de melhor, procuram reduzir a importância da audiência, insinuando que o Papa foi explorado "com diabólica perfídia", desempenhando apenas um papel de ingénuo.

Ficou claro que o Vaticano não desejava um rompimento de relações diplomáticas com o regime português. Mas ficou ainda mais claro que a audiência concedida aos três patriotas africanos foi preparada com todas as minúcias pela Secretaria de Estado do Vaticano. O *Osservatore Romano*, órgão da Santa Sé, foi peremptório num ponto capital. O Papa não se dirigiu a peregrinos desconhecidos. "O Santo Padre — escreveu — saudou-os e dirigiu-lhes palavras de exortação e fidelidade aos princípios cristãos em que foram educados".

Amílcar Cabral estava realmente com a razão quando, em declarações à imprensa italiana, disse que "ante a hierarquia portuguesa, que qualifica as tropas colonialistas do Exército de Portugal como defensoras da Civilização, o Papa acaba de demonstrar que a Igreja apóia a liberdade e a independência dos povos".

A própria reacção das organizações da juventude neo-fascista italiana confirma a interpretação de Amílcar Cabral. Ao contrário da imprensa portuguesa, que tudo fez, no final para esvaziar a audiência do seu significado real, os grupelhos fascistas optaram por uma crítica acerba e frontal ao Papa. Distribuíram panfletos na Praça de São Pedro afirmando que "há razões para temer que tudo isso coincida com uma escolha políti-

ca feita por certos meios do Vaticano". Criticando aquilo a que chamam "o estranho comportamento do Vaticano", apontaram a contradição entre a audiência concedida aos três revolucionários africanos e recusa papal de receber os milhares de católicos da direita, chegados a Roma, de toda a Europa, a fim de protestar contra a reforma da missa.

Se alguma dúvida restasse a respeito das intenções reais do Papa de condenar indirectamente o colonialismo, a atitude da Rádio Vaticana em relação ao incidente dissipou-a de vez. Domingo após cinco dias de silêncio sobre as repercussões do encontro, num dos seus programas para os novos países africanos — sintomáticamente transmitidos em português, francês e inglês —, a emissora oficial da Santa Sé esclareceu que a posição do Papa perante os países africanos não mudou nem mudará. Mantém-se fiel a uma definição consagrada pelo Concílio Vaticano II e com o discurso pronunciado por Paulo VI em Uganda. Vale a pena, portanto, recordar o que Sua Santidade disse em agosto de 1969 em Uganda. Eis as suas palavras: "Vós sabeis que escrevemos uma Encíclica. Isto é, uma Mensagem para a Igreja e para o mundo inteiro sobre este tema — a Encíclica *Populorum Progressio* — e que repetimos suas finalidades na mensagem que dirigimos à África no dia 29 de Outubro de 1967: *Africae Terrarum*. Com esses documentos queremos sublinhar a aspiração fundamental dos povos do Terceiro Mundo a uma justiça à qual eles tem pleno direito, como qualquer outra nação: o desenvolvimento, isto é, na verdade, uma exigência indiscutível da justiça. Nem colonialismo, nem neocolonialismo, mas sim ajuda e impulso para os africanos, a fim de que saibam expressar as suas características e forças próprias, em estruturas políticas, sociais, económicas e culturais de acordo com as suas necessidades e coordenadas com a sociedade internacional e com a civilização moderna".

Uma clara, insofismável condenação do colonialismo, como se verifica.

## OS COMENTÁRIOS DA IMPRENSA

Com excepção das jornais da direita, de simpatias fascistas, toda a imprensa italiana enalteceu o gesto do Sumo Pontífice.

*Il Giorno*, democrata cristão, depois de lembrar que a Encíclica *Populorum Progressio* foi censurada pelo governo de Salazar, disse que "Portugal pretende ainda cumprir uma missão divina na Guiné em Angola e Moçambique, através do napalm empregado contra os revolucionários".

*L'Unità*, esquerdista, publicou na primeira página a foto do Papa com os três líderes e comentou a audiência com estas palavras: "Trata-se de um acontecimento histórico, por vários motivos. Antes de mais, porque é a primeira vez que o Papa recebe dirigentes de rebeliões armadas populares contra o imperialismo; em segundo lugar, porque a potência contra a qual combatem os movimentos representados pelas três personalidades é o catolicismo". Portugal, governado por um regime clerical e fascista, cuja hierarquia católica personificada pelo Cardeal Cereje-

ra, sempre cerrou fileiras (com raras excepções) ao lado do colonialismo".

*La Stampa*, liberal, acentuou que o Vaticano tardou em compreender o alcance da audiência não obstante Paulo VI ter tomado a decisão pessoalmente "cansado de ver os que detêm o poder nas mãos permanecerem obsequiosamente surdos às suas advertências".

## UMA MENSAGEM DA FPLN A CONFERENCIA DE ROMA

A data em que Paulo VI recebeu os três líderes africanos contribuiu também para emprestar uma significação especialíssima à audiência. Em Roma acabava de se realizar uma reunião internacional que obtivera grande repercussão na imprensa mundial, conquistando a simpatia da opinião pública italiana: a Conferência Internacional de Solidariedade à Luta de Libertação Nacional dos povos de Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau, de Cabo Verde, de São Tomé e da Ilha do Príncipe.

Entre as centenas de mensagens recebidas de todo o mundo figurou um documento enviado pela Frente Patriótica de Libertação Nacional. Nele se salienta que os movimentos nacionais libertadores das colónias portuguesas, com a sua luta provocaram o despertar político mais importante e mais profundo, em toda a história de Portugal, de largas camadas da população portuguesa, sobretudo da juventude, que compreendeu que a luta contra o fascismo seria incompleta se não fosse travada também contra o colonialismo e o sistema que constitui o suporte real entre ambos. Foi o que fizeram, nomeadamente, os estudantes e os trabalhadores que se manifestaram contra a guerra colonial a 21 de Fevereiro, em Lisboa, no dia 1.º de Maio no Breiro e a 6 de Maio em Vila Franca."

## O DESESPERO DE CAETANO

LISBOA (Do Correspondente) — Caetano compreendeu desde o primeiro momento, que o gesto de Paulo VI significava para o regime a sua maior derrota diplomática dos últimos anos e uma tomada de posição de incalculáveis repercussões no plano interno.

Inicialmente, levado pela força do hábito, o governo tentou esconder o acontecimento. A notícia da entrevista com os três patriotas africanos foi censurada, bem como a informação relativa ao protesto do governo junto da Santa Sé. Mas logo compreendeu que não podia tapar o Sol com uma peneira. O povo já tinha conhecimento detalhado de tudo pela Rádio e a audiência convertera-se em assunto nacional, discutido por milhões de pessoas.

Registrou-se então uma mudança de tática. Os jornais receberam ordens para desencadear uma campanha contra o Vaticano, repleta de insinuações e ameaças. O embaixador Brasão foi chamado a Lisboa, e porta-vozes de Presidência do Conselho espalharam boatos sobre a possibilidade de um rompimento de relações. A imprensa governamental falava de "descortesia", de afronta a Portugal". O que Caetano visava era criar em Roma a impressão de que o povo português estava a seu lado, revoltado com o gesto papal. Mas foi mal sucedido. O povo português teve uma reacção contrária. Mesmo nas camadas da média e pequena burguesia, habi-

tualmente alheias ao problema da guerra e mais permeáveis à propaganda colonialista e patrioteira do regime, a atitude de Paulo VI causou uma impressão profunda. Foi um convite à reflexão. Suas palavras de amor a homens apresentados como assassinos sem escrúpulos, como bandoleiros sanguinários, destruíram em segundos o esforço mistificador realizado durante anos pela propaganda fascista. A benção do Papa não forçou apenas a uma revisão imediata de juízos sobre as pessoas dos revolucionários. Ela veio por em causa a questão fundamental da justiça da causa pela qual se batem os povos das colónias. Para os católicos portugueses, para a própria hierarquia para um simples padre de aldeia — a opção de Paulo VI teve o significado do individual de uma condenação formal do colonialismo.

Caetano perdeu a batalha antes mesmo de a travar. Nada conseguiu, a não ser a reafirmação, em termos cortezes mas firmes do que era óbvio. A própria a-

meaça de que Caetano iria pronunciar um discurso de ataque à política da Santa Sé não teve efeito. Os esclarecimentos finais de Caetano apenas contribuíram para o cobrir de ridículo. Insistiu particularmente que o Papa não havia abençoado os terroristas enquanto terroristas", mas apenas "como cristãos". O povo viu da explicação. Para todos estava claro que o Papa não tinha recebido nem receberia "terroristas", mas sim patriotas africanos, representando povos onde o cristianismo se acha enraizado, povos que se batem pela liberdade contra as estruturas daquele colonialismo que Sua Santidade condenou nas suas Encíclicas. Paulo VI jamais pretendeu ofender Portugal. Prestou, isso sim, um duplo serviço aos católicos portugueses e africanos. Recebeu homens cujos nomes, cujo passado e presente conhecia e que, como disse o secretário de imprensa do Vaticano, "não representavam apenas suas pessoas mas todos os homens que neles confiam".

## Luta em todas as frentes

\* **SOLIDARIEDADE AOS FASCADORES** — O secretariado da Federação Sindical Mundial enviou ao ministro das Corporações o seguinte telegrama:

Tomando conhecimento da greve dos pescadores de sardinha de Portimão, Lagos, Olhão, Vila Real de Santo António, greve que se prolonga há várias semanas em defesa de justas reivindicações: a Federação Sindical Mundial manifesta a sua solidariedade a esse movimento e solicita de V. Exa. o atendimento das reivindicações em causa e bem assim o fim de todas as pressões, ameaças e intimidações. A Federação Sindical Mundial aproveita também a oportunidade para reiterar o pedido feito ao governo português para que respeite o direito de greve, de reunião e de organização, universalmente reconhecido e consagrado na Convenção de Organização Internacional do Trabalho".

\* **PORTUGAL NA SUÉCIA** — Por iniciativa de um grupo de democratas portuguesas residentes em Malmö, na Suécia, foi fundada naquele país uma entidade intitulada "Comité Portugal Livre" cujo objetivo consiste no esclarecimento da opinião pública sueca relativamente aos problemas políticos portugueses e das guerras coloniais de Angola, Moçambique e Guiné, visando igualmente a consciencialização política dos numerosos emigrantes portugueses radicados na Suécia. Informamos os dirigentes do Comité que o nosso jornal tem encontrado a melhor acolhida junto dos portugueses residentes naquele país.

\* **PORTUÁRIOS DE LEIXÕES** — Os portuários de todo o país mostram-se satisfeitos com a vitória alcançada pelos seus colegas de Leixões após uma luta duríssima. Inicialmente, os estivadores daquele porto negaram-se a fazer horas extraordinárias. A Comissão de Unidade elaborou uma exposição e recolheu 600 assinaturas, tendo depois enviado ao Sindicato o documento e documento, exigindo salários e vantagens idênticas ao pessoal de Lisboa.

Ante as manobras mistificadoras do Instituto Nacional do Trabalho, os portuários permaneceram fir-

chegando a espancar 4 fura-greves que tentavam descarregar um barco depois das 17 horas. Dias depois, animados com o sucesso da greve, os descarregadores seguiram o exemplo do pessoal da estiva, aderindo à greve e exigindo equiparação com os colegas de Lisboa. As autoridades, alarmadas, acabaram capitulando cedendo os aumentos pedidos. O trabalho da Comissão de Unidade e o espírito de organização que presidiu ao movimento foram fatores decisivos no sucesso alcançado. mes e, uma vez deflagrada o movimento mantiveram-se vigilantes,

## A "Tournée" de Um Fascista

(Continuação da pág. 2)

can Corporation, constituem a ZAMCO. O tema é tanto mais escaldante que o presidente Kenneth Kaunda, de Zâmbia, acaba de dirigir um apelo aos governos de Paris e Bonn para que desanelhem às empresas de seus países comprometerem-se numa aventura considerada como singularmente "colonialista". Lisboa, de facto, projecta realizar uma emigração maciça de novos colonos portugueses com destino ao Vale do Zambeze".

(In "Jeune Afrique", Paris, 16 de junho de 1970)

PORTUGAL DEMOCRATICO  
Rua Liberto Baduro, 488 — 5.ª Sala 50  
Endereços de Assinantes